

Escravo do tempo

Rodrigo do Prado Bittencourt

Shurhak-Pir, sacerdote do deus Ahsjike, membro do povo elative, da foz do rio Yhruti, agora trabalha na construção de um templo estrangeiro. Seu povo foi vencido e dominado e os trabalhos forçados obrigam-no a trair seus ancestrais e seu deus. Entretanto, ele sabe que não podem suprimir a verdade que existe em si, a crença em seu interior. Por mais que os músculos trabalhem para o deus estrangeiro, desconhecido, a mente de Shurhak-Pir está voltada para Ahsjike, que acordará de seu sagrado sono mais dia ou menos dia e logo derrotará os estrangeiros.

Ahsjike escolheu Shurhak-Pir para ser seu sacerdote quando este era ainda uma criança. Ninguém pode derrotá-lo, pois as águas sagradas do rio Yhruti, no mês da colheita do trigo, sob os auspícios de Vkajtri (a Lua), lavaram o corpo de Shurhak-Pir das maldições e dos feitiços. A morte e a derrota só poderiam vir se Ahsjike estivesse encolerizado com Shurhak-Pir, o que não faz sentido, pois na noite anterior ao ataque dos estrangeiros, o deus deu mostras de apreciar seu sacerdote, durante os festejos do fogo, fazendo com que seu corpo passasse ileso pelas brasas. Além disso, Shurhak-Pir, nesta mesma noite, sacrificou duas vítimas humanas a Ahsjike. Após os festejos, ele foi dormir; no outro dia, acordou com a gritaria de todos, surpreendidos pelo ataque dos estrangeiros. Ele não se lembra de ter cometido nenhum pecado entre a festa e sua captura. O povo inimigo, montado em seus grandes animais, gritava e matava a todos que encontrava no caminho. Os que sobreviveram ao massacre, que cessou assim que a tribo foi inteiramente dominada, foram capturados para trabalhos forçados. As mulheres foram estupradas. Os elatives não foram mantidos

juntos, mas dispersados pelo reino inimigo, trabalhando com escravos de outras nações. Shurhak- Pir trabalha na

construção de um templo para um deus inimigo, o mais ultrajante e sacrílego de todos os serviços para um sacerdote de Ahsjike.

Para Shurhak-Pir, Ahsjike está punindo não o seu sacerdote, mas o seu povo. Ainda assim, ele sabe que o deus não pode aceitar esta humilhação de seu representante e espera ansioso o despertar do deus, que sempre dorme após a festa do fogo e só desperta no dia da celebração do Vento (Iliuyhjt). Ele teme, entretanto, que Ahsjike se zangue com ele ao despertar, por vê-lo trabalhando para um deus estrangeiro.

Shurhak-Pir, entretanto, argumenta para si próprio de que isso não ocorrerá, pois Ahsjike perceberá que o trabalhador que aguenta os chicotes do povo das estepes e que sua carregando as pesadas pedras do templo do deus estrangeiro não é mais o sacerdote Shurhak-Pir, amado por Ahsjike, mas outro homem. Afinal, quem pode duvidar disso? O que faz com que Shurhak-Pir seja Shurhak-Pir? O serviço sempre dedicado ao seu deus e o poder sobre seu povo. Nenhuma destas coisas continua a existir. Então, o sacerdote não mais existe e o trabalhador é outro ser humano.

A própria palavra “eu” não passa de uma mentira, já que ele liga duas realidades completamente distintas. Ou alguém duvida que o hoje é diferente do ontem e que a simples presença do tempo e sua sucessão de mudanças já é o suficiente para alterar tudo que existe? As vidas e as mentalidades de dois homens diferentes podem ser mais parecidas entre si que as de um mesmo homem e a criança que ele foi. Na verdade, isto é muito comum. Assim, Ahsjike não poderá se zangar com seu sacerdote, pois ele já não existe mais.

A cada pedra que carrega, Shurhak-Pir reflete sobre a existência de sua identidade e assim sobre todo o universo. Enquanto o sol escaldante fustiga seu corpo e a sede o atormenta, ele se pergunta se seria possível pensar em alguma palavra com existência real. Sabe que a dor do cansaço e a sede são verdadeiras, pois as sente, mas não sabe se pode chamar a dor de hoje de “dor”, comunicando-lhe uma identidade com a dor de

ontem, ainda que a de hoje seja maior. Não seria falsear tornar um só aquilo que é distinto?

Shurhak-Pir reflete sobre um ponto em especial, que é o que mais lhe interessa: a memória. Seria um ser humano capaz de reviver plenamente o passado por meio da recordação? O trabalhador escravo de hoje poderia voltar a ser Shurhak-Pir na festa do fogo, antes da chegada dos estrangeiros montados em seus grandes animais? Infelizmente, o elo foi quebrado: por mais que se esforce o escravo que carrega as pedras da construção do templo do deus inimigo não consegue

sentir o prazer de se banquetear com seu povo, após ser especialmente favorecido por Ahsjike. As dores nos braços, o suor diante do calor, a sede, o cansaço... as sensações físicas como um todo falam mais alto que a força da meditação; mesmo para um sacerdote do poderoso deus elative.

Forte o suficiente para provarem a Shurhak-Pir que ele é mesmo outra pessoa, completamente distinta do sacerdote que lembra ter existido. Assim, como os guardas dos trabalhos forçados começam mais brandos e, com o tempo, vão se tornando cruéis, tudo é mudado pelo tempo. Às vezes, completamente. No dia da celebração do Vento (Iliuyhjt), o deus do fogo não acordou e veio, em majestade e poder, libertar seu sacerdote da opressão. Tudo muda: até os deuses. Shurhak-Pir não sente raiva dos guardas que o oprimem. Afinal, ele não é escravo deles, mas do tempo. Nem mesmo mais se reconhece como Shurhak-Pir e não atende se alguém de seu povo o chama assim, nas poucas vezes que reencontra um deles. Agora, seu nome é “escravo”.